



Semiose Feminina - Feminine Semiosis

Paula Regina Medeiros Prizo¹

Resumo

Habitar o feminino é viver entre peso e leveza em múltiplas formas de expressão que transcendem a linguagem verbal e se manifestam no corpo, nos gestos e nos silêncios; não é atributo, mas acontecimento, potência de ser e afirmação da existência, de modo que, sob a cultura patriarcal, até atos cotidianos podem significar autonomia e resistência. A Filosofia Clínica evidencia a singularidade histórica e estrutural de cada mulher, cuja experiência, marcada por atravessamentos, pode cristalizar-se em prisões existenciais ou abrir caminhos de reinvenção. A pluralidade criativa do feminino denuncia opressões e celebra a capacidade de se reinventar, tornando-se uma dança contínua de coragem, rebeldia e afirmação da vida.

Palavras-chave: feminino; peso e leveza; expressão; corpo; silêncios; Filosofia Clínica; semiose; pluralidade; complexidade; potência de ser; resistência; afirmação da existência.

Abstract

To inhabit the feminine is to live between weight and lightness in multiple forms of expression that transcend verbal language and manifest in the body, in gestures, and in silences; it is not an attribute, but an event, a potency of being and an affirmation of existence, so that, under patriarchal culture, even everyday acts can signify autonomy and resistance. Clinical Philosophy highlights the historical and structural uniqueness of each woman, whose experience, marked by crossings, may crystallize into existential prisons or open pathways of reinvention. The creative plurality of the feminine denounces oppression and celebrates the capacity for self-reinvention, becoming a continuous dance of courage, rebellion, and affirmation of life.

Keywords: feminine; weight and lightness; expression; body; silences; Clinical Philosophy; semiosis; plurality; complexity; power of being; resistance; affirmation of existence.

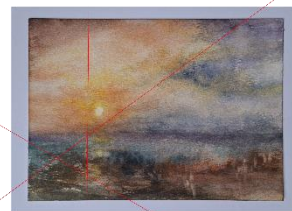
¹ Filósofa Clínica, Psicoterapeuta, Filósofa, Professora de Filosofia Teóloga.

paulaprizofilosofaclinica@gmail.com



Introdução

Este texto entrelaça filosofia, crítica social e Filosofia Clínica para revelar um feminino plural, resistente e complexo. Denuncia os mecanismos de opressão, mas celebra, ao mesmo tempo, a potência de reinvenção e expressão. É um convite a reconhecer que o feminino não é destino, mas construção — e, sobretudo, uma força transformadora que inaugura um diálogo sobre o peso subjetivo da semiose na arquitetura do pensamento feminino. Refletir sobre essa trama implica avaliar suas múltiplas dimensões, que, embora singulares em sua manifestação, se entrelaçam e intercedem com outras formas de existência e linguagem.



A capacidade de um sujeito de se enunciar no mundo pode ser temporariamente embotada por fatores diversos, tais como experiências traumáticas, pressões externas ou mesmo pela ação de determinados fármacos. Em tais circunstâncias, o silêncio pode emergir como resposta momentânea; contudo, a possibilidade de comunicação não se extingue, mas se desloca para outras formas de expressão, revelando a complexidade dos modos de significação humana. A semiose feminina é um campo de multiplicidade e irreducibilidade: não se deixa capturar por uma única narrativa, mas se abre como espaço de expressão infinita.

Entre Peso e Leveza: A Semiose do Feminino

Habitar o feminino é carregar, simultaneamente, o peso e a leveza de múltiplos adjetivos — ora singularizados, ora pluralizados. São designações que pretendem delimitar, mas que, em sua insuficiência, apenas revelam a distância de quem jamais adentrou o universo chamado mulher. Não há regra universal de compreensão. O que se pode afirmar é que a mulher se expressa de formas múltiplas e, em sua complexidade semiótica, revela-se como um campo infinito de possibilidades.

A semiose feminina não se restringe à linguagem verbal: expande-se para o corpo, para os gestos cotidianos e para os silêncios, instaurando um campo simbólico que desafia leituras lineares. O olhar universal tende a desconsiderar a historicidade, seus enlaces e atravessamentos, que, desde a base categorial, moldam e conformam as vivências.



A dinâmica da significação feminina configura-se como questão existencial: esforço de tornar visível o invisível, de inscrever no mundo aquilo que ultrapassa a palavra, mas insiste em existir. Cada gesto, silêncio ou expressão feminina revela-se como signo aberto, suscetível a múltiplas interpretações, instaurando uma rede infinita de significados.

O feminino, nesse horizonte, não é mero atributo, mas acontecimento. Excede as fronteiras da linguagem que tenta contê-lo e se firma como potência de ser, como diferença que resiste e como presença que insiste. Ele transborda, ressignifica, desafia fronteiras e recusa-se a ser contido em papéis pré-determinados.

Essa forma de expressão é, ao mesmo tempo, resistência e afirmação da existência, pois expõe dimensões da vida que não podem ser contidas por discursos lineares, mas apenas vividas e compreendidas em sua pluralidade. A identidade feminina irrompe de forma ontológica: força originária que se inscreve no mundo sem pedir licença. Já não recolhida ao silêncio, afirma-se em palavra e convoca à escuta. Quem se dispõe, que ouça; quem não, que se confronte com o inevitável desvelar do feminino.

Segundo Goya (2018), uma pessoa pode expressar o que sente não apenas pela semiose da oralidade. O corpo pode revelar inquietações mesmo quando a fala soa suave. A alteridade conduz os filósofos clínicos ao desenvolvimento da habilidade de transitar por linguagens que pertencem a diferentes estruturas semióticas.

A mulher é chamada a habitar um espaço de signos que não lhe pertencem, mas que a moldam: o silêncio imposto, os gestos contidos, os diários violados — tudo compõe uma semiose feminina. Sua voz é regulada: deve soar doce, comedida, jamais excessiva.

A palavra feminina não é apenas comunicação, mas signo de adequação ao papel social. O pensamento, quando registrado, é incessantemente submetido ao olhar externo, à censura.

Atos aparentemente simples podem adquirir significados múltiplos: cortar o cabelo pode representar mera adesão a um estilo ou, alternativamente, constituir enunciado de autonomia — *“meus cabelos, minhas regras”*. A Filosofia Clínica, ao adotar o movimento de alteridade, abre espaço para compreender a singularidade da semiose feminina, reconhecendo que cada gesto, silêncio ou expressão carrega sentidos múltiplos e irredutíveis. A semiose nasce do deslocamento entre mundos internos e modos

de expressão, produzindo significados singulares que rompem leituras lineares e revelam uma pluralidade infinita de sentidos.



Vem sendo assim através dos tempos, corpos confiscados: “O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriinha, o desarticula e o recompõe. Uma anatomia política do detalhe” (FOUCAULT, 1995, p.135).

O corpo feminino é constantemente moldado por normas sociais que delimitam sua expressão. A feminilidade, mesmo em crise, encontra brechas para se manifestar — como uma represa que não consegue conter a força da água, a expressividade escapa e se multiplica em infinitas semioses.

A Filosofia Clínica, aprofunda o conceito ao afirmar que os dados de semiose são infinitos e que cada pessoa apresenta modos singulares de expressão. Ele distingue sujeitos monolíngues, e sujeitos plurilíngues, que mobilizam múltiplos dados de semiose em sua existência. Essa distinção é fundamental para compreender a riqueza da experiência feminina, frequentemente manifestada em múltiplos registros semióticos — da palavra ao gesto, da arte ao silêncio.

O Corpo e a Palavra: Disciplinas do Patriarcado

O resultado é uma linguagem marcada não pela liberdade, mas por dispositivos de controle e disciplina, que inscrevem no feminino uma semiose atravessada por relações de poder e dominação. A semiose feminina, entendida como o processo de produção de signos e significados que constituem a identidade e a expressão das mulheres, foi historicamente moldada por um sistema masculino que dita regras sobre como sentir, viver, vestir, amar e ser.

Essa imposição não se limita ao âmbito social: é também simbólica, pois o patriarcado organiza a linguagem e os códigos culturais de modo a enquadrar o feminino dentro de uma lógica de subordinação.

Segundo Beauvoir (apud PEREZ, 2019): “A representação do mundo, como o próprio mundo, é obra dos homens, eles o descrevem a partir de seu ponto de vista, o que confundem com a verdade absoluta.”



Durante séculos, o mundo confinou as mulheres ao espaço doméstico, relegando-as à irrelevância, a ponto de muitas vezes não serem sequer mencionadas na história, ainda que tenham desempenhado papéis de destaque. A História das Mulheres é, portanto, uma narrativa de exclusões, apagamentos, sabotagens e desvalorizações.

O patriarcado sustenta a dominação masculina por meio de instituições como a família, as religiões, a escola e as leis. Esse sistema masculino funciona como uma verdadeira gramática do poder, impondo regras sobre o corpo e a subjetividade feminina. O universo feminino clama por escuta: no silêncio, o corpo se expressa, o coração sangra e a alma se levanta em grito.

A semiose feminina, assim, é atravessada por signos de controle: sentir como fragilidade, viver como cuidado, vestir como objeto de desejo, amar como entrega, ser como alteridade.

Caroline Criado Perez (2019, p. 14), autora de *Mulheres Invisíveis: o viés dos dados em um mundo projetado para homens*, afirma que “o sexo não é a razão pela qual as mulheres são excluídas dos dados. O gênero sim”. Essa constatação evidencia que a sociedade continua estruturada a partir de parâmetros masculinos.

Durante séculos, as mulheres sequer foram incluídas em estudos clínicos, e a base das pesquisas laboratoriais ignorava variáveis essenciais da fisiologia feminina. As histórias de mulheres brilhantes começaram a chegar até nós apenas recentemente: filósofas, historiadoras, cientistas e profissionais de diversas áreas do conhecimento permaneceram à margem da notoriedade por muito tempo. Suas semioses foram silenciadas.

Na Filosofia Clínica, a semiose é compreendida como o modo pelo qual a(o) partilhante expressa os dados de sua Estrutura de Pensamento. No caso da semiose feminina, trata-se das formas singulares pelas quais as mulheres revelam sua historicidade, seus afetos, seus projetos e sua maneira de estar no mundo. O grande diferencial da Filosofia Clínica consiste no movimento de alteridade realizado pelo terapeuta, que busca compreender, por aproximação, a experiência existencial da(o) partilhante. Para fins de análise, toma-se a mulher como referência, em consonância com o *Tópico 17 Armadilha conceitual* como determinante. Conceitos fixos podem gerar aprisionamentos singulares e plurais; por isso, a Filosofia Clínica procura evitar reduzir a mulher a estereótipos, reconhecendo sua singularidade. Em clínica, o filósofo clínico



pode perceber que a partilhante, embora deseje se expressar livremente, não o faz porque seu modo de viver não permite.

E essa não permissão pode ser identificada:

T17 - Armadilha conceitual: corresponde ao momento em que o partilhante tenta, mas não consegue interromper um certo modo de existir, uma disposição psíquica da consciência enredada na historicidade e na trama de sentidos subjetivos. Por meio de comportamentos, emoções, axiologias, questões epistemológicas, vivências corporais ou metafísicas, a pessoa se sente em uma verdadeira prisão existencial “(GOYA, 2020).

A semiose de uma mulher pode confundir aqueles que não conhecem seu idioma existencial, pois cada uma possui uma forma singular de expressão. É necessário imergir em seu mundo para compreender “como cada um expressa o significado de uma vivência própria” (GOYA, 2020, p. 179). Assim como em qualquer partilhante, os dados da semiose feminina podem se transformar ao longo da vida: uma mulher pode abandonar uma forma de expressão e, anos depois, retomá-la; pode substituir um dado por outro que lhe pareça mais adequado; ou pode manifestar simultaneamente diferentes dados sem que haja conflito entre eles.



A historicidade constitui o alicerce para a compreensão dessas expressões, pois nela se observa como os dados da semiose feminina surgem, se desenvolvem e se transformam ao longo do tempo. Em muitos casos, quando a mulher não consegue narrar sua vida por meio das palavras, recorre a outras linguagens que revelam, com profundidade, sua trajetória existencial.

Sob a lógica patriarcal, a semiose feminina — entendida como o processo de produção de sentidos e signos que constituem a identidade e a expressão das mulheres — foi historicamente moldada por um sistema masculino que impôs normas e limites sobre como sentir, viver, vestir, amar e existir. Nesse contexto, o corpo feminino converte-se em signo regulado: dor, prazer, desejo e silêncio são capturados e reinterpretados por códigos que não emergem da experiência das mulheres, mas da imposição de um olhar masculino.



Segundo Perez (2019), as mulheres foram impedidas de contribuir com o fazer História, isto é, com a ordenação e a interpretação do passado da humanidade. Como esse processo de atribuição de sentido é essencial para a criação e perpetuação da civilização, a marginalização das mulheres nesse esforço as coloca em uma posição ímpar e segregada. Embora sejam maioria, são estruturadas em instituições sociais como se fossem minoria.

A exclusão das mulheres do processo de atribuir sentido ao passado não se reduz a uma injustiça histórica; ela configura uma restrição epistemológica fundamental. A civilização, erigida sobre narrativas parciais, revela-se como construção incompleta, incapaz de abarcar a multiplicidade existencial da experiência humana.

A Dança Que Nunca Se Cala

A canção *Bandolins* (MONTENEGRO, 1979) nasceu de uma história de amor entre dois bailarinos que foram forçados a se separar. O compositor imaginou um desfecho em que a moça partia a dançar pelo mundo. Num gesto de resistência e coragem — “Ela teimou e enfrentou o mundo / Se rodopiando ao som dos bandolins” —, a mulher que insiste em dançar, mesmo “num tempo em que já fosse impróprio se dançar assim”, encarna a insubmissão do corpo diante da normatividade social. Sua dança é um ato de rebeldia: o corpo recusa-se a ser silenciado.

A mulher, enquanto expressão do feminino, atravessou séculos enfrentando barreiras cruéis, vivendo avanços e retrocessos a cada década. Em determinado instante, seja no íntimo ou no coletivo, surge um despertar: abre-se diante dela um campo de possibilidades de existir e ocupar o mundo. Ainda que muitas vozes — ora suaves, ora estrondosas como trovões — insistam em dizer “não é permitido”, “quem você pensa que é para sonhar além do que lhe concedemos?”, ela resiste. O feminino que habita em cada mulher desafia o mundo, rodopia ao som dos bandolins, conquista espaços e se afirma, tornando-se tudo aquilo que deseja ser.

Encerrar é impossível: a semiose feminina continua, infinita, como dança que nunca se cala.

Referências:

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1997.

GOYA, Will. *A Escuta e o Silêncio: a história de Laura – Terapia em Filosofia Clínica*. Local: Editora MKS, 2020.

GOYA, Will. [01MAG](Aula 19.1) EP: Tópico 15 - SEMIOSE_I - Will Goya. [Vídeo]. Youtube, 04 ago. 2018. Disponível em:
<https://youtu.be/oubEmoP0En0?si=O5jAlau2gfK5Vjsi>

MONTENEGRO, Oswaldo. *Bandolins*. Rio de Janeiro: Som Livre, 1980.

PACKTER, L. *Semiose, Aspectos traduzíveis em clínica*. São Paulo: Editora FiloCzar, 2014.

PEREZ, Caroline Criado. *Mulheres Invisíveis: o viés dos dados em um mundo projetado para homens*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019.

